



Os eleitores, de um modo geral, revelam que vão votar nos candidatos, independente de partidos. Como Nelson, Pedro e Acrísio (da esq. para dir.)

Ideologia não preocupa partidos

"Se hoje fossemos fazer um leque de arco-íris com as cores ideológicas dos candidatos do PMDB no Distrito Federal, precisaríamos utilizar todos os matizes, do vermelho ao azul claro". Esta simples comparação, feita pelo 2º vice presidente do PMDB/DF, Galvão Domingos, ilustra bem a fragilidade ideológica dos partidos de Brasília - a maioria deles já condenados a morte após as eleições - afetados pela crise partidária nacional.

Se a confusão é grande em termos de estrutura partidária, é maior ainda na cabeça dos eleitores. Diante de 22 legendas - 68 candidatos ao Senado e 171 à Câmara, - os 700 mil eleitores do Distrito Federal não se dão ao trabalho de estudar plataformas ou programas de ação dos partidos na hora de definir seus votos. Numa enquete feita pelo CORREIO BRAZILIENSE, o eleitorado de Brasília revela que votará nos candidatos de sua preferência, independentemente da sigla a que estejam filiados. A falta de solidez ideológica é o principal motivo que leva a população a não confiar nos partidos.

LEGENDA DE ALUGUEL

Em Brasília, o grande número de partido recém-criados e sem tradição na política brasileira, está diretamente relacionado com a enorme quantidade de candidatos que não quiseram perder a oportunidade de concorrer à primeira eleição do Distrito Federal. Como os tradicionais partidos não puderam abrigar tantos nomes, os candidatos que não conseguiram o seu espaço tiveram que buscar outros caminhos, criando novos partidos.

Proliferaram então as chamadas "legendas de aluguel" para abrigar os que não quiseram ficar de fora destas primeiras eleições. Sem espaço no PMDB, o candidato ao Senado, Nísio Tostes, um dos fundadores do partido no DF, teve que se contentar em disputar pelo PSC, Partido Social Cristão. Enquanto isso o PMDB patrocina candidaturas ligadas a outras legendas, como a de Fernando Tolentino, candidato à Câmara, que é do PC do B. "O PMDB tem candidatos tanto de extrema esquerda como de extrema direita", diz Arlete Sampaio, candidata do Partido dos Trabalhadores ao Senado.

Por causa da fragilidade ideológica dos novos partidos, Arlete Sampaio acredita que vai haver uma reorganização partidária no Distrito Federal logo após as eleições, e só deverão sobreviver as legendas fortes, já estruturadas.

Dos 239 candidatos de Brasília, poucos contam com o apoio de seus partidos para levar adiante suas campanhas. Com exceção do PT e PCB que tentam se organizar como partido, dando assistência material e orientação programática homogênea a seus candidatos, no geral é cada um para si. As metas e plataformas políticas são as mais variadas e muitas vezes incompatíveis com o programa das legendas.

Antigamente existiam partidos, hoje não existem mais. A confusão é completa, os partidos se transformaram em frentes, não possuem uma orientação homogênea com relação a normas de ação, pontos a serem atacados ou ao comportamento dos candidatos - analisa o senador Amaral Peixoto (PDS/RJ), um dos políticos mais experientes do País.

Sua vida parlamentar completou 50 anos e ele se diz decepcionado com a política atual, principalmente com a organização partidária. "A revolução dissolveu as siglas tradicionais e não deu nada em troca".

No PMDB, se os candidatos não possuem uma orientação homogênea em termos de programa de ação, pelo menos ajuda material o partido fornece a seus candidatos, com prioridade para os senadores. O coordenador da campanha e 2º vice presidente, Galvão Domingos, diz que o partido garante a cada candidato à Câmara 1 milhão 300 mil cruzados e 2 milhões 500 mil para os candidatos ao Senado. Quanto à orientação programática, ele diz que "cada um tem a sua forma de levar a campanha e o partido as respeita". Assim, convivem pacificamente no PMDB comunistas, como Fernando Tolentino, ou conservadores, como Zamor Magalhães.

PERDAS

Tentando se organizar como partido, o PT é a única sigla do Distrito Federal, que por ter uma linha de comportamento e programa homogêneos para todos os candidatos, sofreu muitas perdas em seu quadro de filiados. A mais conhecida dissidência do PT aconteceu quando o hoje candidato à Câmara Hélio Doyle deixou o partido e se abrigou no PDT, por discordar da orientação petista de que seus representantes no Congresso Nacional não fossem ao Colégio Eleitoral na eleição de Tancredo Neves. Com o jornalista Hélio Doyle, abandonaram o partido mais de 30 militantes no Distrito Federal.

"Eles defendiam a tese de que o PT também deveria se transformar numa frente parti-

dária. Mas o PT é um partido estratégico, que tem uma trajetória de lutas e um programa definido", explica o coordenador da campanha do partido no Distrito Federal, Jorge Vinhas. De acordo com quatro eixos de ação aprovados em convenção, os candidatos do PT são obrigados a elaborar suas plataformas dentro dos seguintes pontos: reforma agrária, suspensão do pagamento da dívida externa, Constituinte livre, democracia e soberana, eleições diretas em todos os níveis e a questão das minorias. "Os candidatos são obrigados a defender as plataformas aprovadas na convenção", afirma Jorge Vinhas.

Há também os que não recebem de seus partidos nem orientação programática nem material. Estes têm mesmo que se virar sozinhos. E o caso, por exemplo, de Simplicio da Simplicidade, que disputa uma vaga na Câmara Federal pelo PTB, mas sequer conhece o programa do partido. "No PTB cada candidato tem sua plataforma e explora o que achar que deve explorar. Eu, por exemplo, não estou expondo nenhuma plataforma em minha campanha, só pedindo votos".

Ele explica que a única ajuda recebida do PTB é a gravação dos programas de propaganda veiculados na TV. "O PTB é um partido pobre e os candidatos também são pobres. Faço tudo por minha conta, como não tenho dinheiro para panfletos ou cartazes, minha campanha é feita nas filas, portas de supermercados e nas praças".

FICÇÃO

Como o PT, o PCB do Distrito Federal também tenta se organizar como partido. E seus candidatos, cotados nas pesquisas de opinião, garantem que se eleitos, lutarão no Congresso Nacional para que a ideologia socialista saia do campo da ficção em termos de Brasil. Ao contrário do grande número de legendas criadas sem um compromisso de se viabilizar na prática, o candidato do PCB à Câmara, Augusto Carvalho acha que terá condições de trabalhar por um objetivo estratégico do partido, batalhando pela construção de uma sociedade socialista que elimine a pressão que existe das classes dominantes sobre as classes pobres.

O socialismo não é mais ficção, é uma luta concreta. Esta correlação de forças vai se alterar na medida em que avançar a democracia, explica o candidato.

O Comitê Regional do PCB do Distrito Federal, segundo Carvalho, orienta e direciona sistematicamente a campanha de seus candidatos, avaliando, propondo e decidindo a política de ação a ser adotada. "Não somos anárquicos, precisamos antes de tudo resgatar a imagem do comunismo no Brasil".

TRE

Responsável pela condução das primeiras eleições do Distrito Federal, a presidente do TRE, desembargadora Maria Thereza Braga considera que os eleitores de Brasília acabarão se definindo pelos partidos tradicionais mais conhecidos, e não pelos candidatos, como mostra a enquete feita pelo CORREIO. Ela, entretanto, confirma a previsão de que após as eleições haverá um "enxugamento", restringindo-se o número de siglas.

Mas no Brasil tudo é tão surpreendente, que é melhor esperar os primeiros resultados para fazermos qualquer tipo de previsão", alerta a desembargadora.